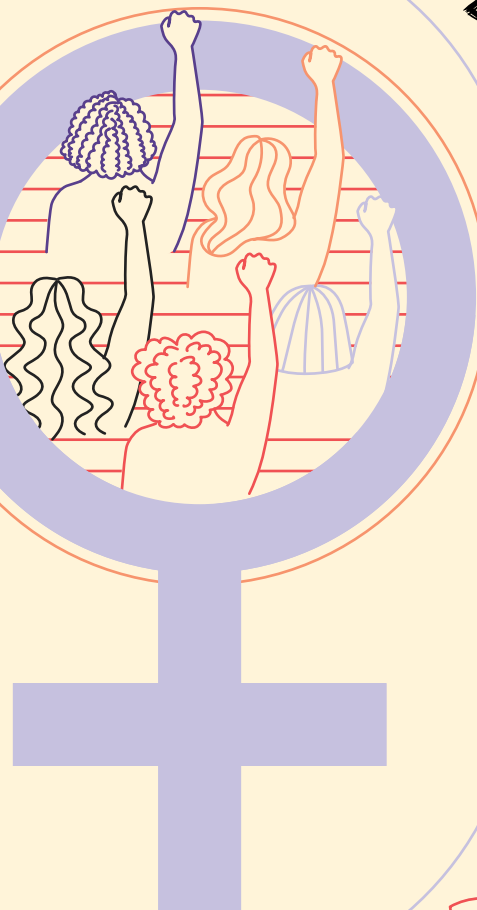


**DIÁLOGOS
FEMINISTAS**

DESAFIOS DO FEMINISMO FRENTE AO CRESCIMENTO DA ONDA FUNDAMENTALISTA



SUMÁRIO

Apresentação	03
Estabelecer diálogos com empatia..... <i>Ana Gualberto</i>	04
As fogueiras continuam ardendo: sigamos em resistência!	06
<i>Sonia Mota</i>	
Sete observações críticas sobre as religiões	08
<i>Ivone Gebara</i>	
Alianças políticas para enfrentar o fundamentalismo	10
<i>Eliad Dias dos Santos</i>	
A onda fundamentalista desafia o feminismo popular	12
<i>Carmen Silva</i>	
Diálogo Coletivo	14

APRESENTAÇÃO

* * *

Dando continuidade à série de diálogos sobre feminismo e à intenção de construir confluências entre as diversas formas de pensar os desafios dos movimentos feministas frente à difícil conjuntura que o Brasil atravessa, com um governo autoritário, de extrema direita e ultra neoliberal, propusemos uma reflexão sobre o crescimento da onda conservadora na sociedade brasileira, com foco no fundamentalismo religioso.

Temos observado o crescimento de igrejas neopentecostais nas periferias dos grandes centros urbanos e seu avanço para os mais distintos territórios. Vemos também o grau de crescimento da violência baseada em religião, com ataques contra as pessoas de religiões de matriz africana e suas casas de culto. No último pleito eleitoral foi doloroso ver o uso e abuso que o grupo vencedor fez da fé das pessoas, manipulando-as em seu benefício. É também assustador acompanhar as

informações que indicam relacionamentos íntimos entre igrejas, milícia, o mandatário do poder executivo e as bancadas legislativas. Tudo isso incide sobre a vida das mulheres e sobre o controle de nossos corpos.

Para refletir sobre essa situação convidamos feministas de diferentes religiões para compartilharem suas análises sobre os desafios frente ao crescimento da onda fundamentalista nesta quarta edição do ciclo de debates “diálogos feministas”. Organizado através da parceria entre a FES e SOS Corpo, o debate foi realizado em São Paulo no mês de outubro de 2019. Essa publicação busca sistematizar a interessante reflexão feita no grupo. Esperamos que possa suscitar novas questões e inspirar ações de resistência e enfrentamento a todos os fundamentalismos!

Boa leitura!

ESTABELEECER DIÁLOGOS COM EMPATIA

* * *

Ana Gualberto
Religião de matriz africana
Koinonia Presença Ecumênica e Serviço

Eu sou uma feminista negra, historiadora (UERJ), mestra em Cultura e Sociedade pela UFBA e filha de Oxum. Não nasci em uma família de religião de matriz africana, eu era presbiteriana, isso é importante para situar de onde falo. Minha militância se inicia dentro de casa, através de minha mãe, e de alguma forma, se acentua dentro da igreja nas ações sociais realizadas naquele espaço. Espaço este que também me fez questionar minha fé, até minha saída da igreja com 17 anos. Sigo minha busca religiosa até conhecer as religiões afro brasileiras em 2004, já trabalhando em KOINONIA.

Tenho 10 anos de iniciada, sou omo orixá Oxum, filha de Oxum, sou Iyá Oju Omò (Mãe que olha/ acolhe as crianças) do Ilê Adufé, filha de Robson Laje d'Ogum, neta de Iyá Regina d'Yemonjá, tive dois anos de abyan, convivendo neste egbé até me iniciar. Sou estudiosa de minha religiosidade e da cultura afro brasileira, é deste lugar que falo. O candomblé é uma religião brasileira. O que temos no Brasil é uma recriação das práticas religiosas africanas, por isso é que a gente chama de religiões afro-brasileiras. É importante dizer isso para não ficarmos com essa ideia de que somos uma "pequena África", somos o Brasil, um país afrodescendente.

As religiões de matriz africanas são organizadas a partir do matriarcado, a exemplo da maioria dos povos africanos. Isso é fundamental para pensarmos a resistência do povo africano, seja nas situações diaspóricas ou no continente. Nosso princípio organizacional é circular, complementar. Cada um desempenha um papel para o funcionamento pleno do egbé (comunidade). Este egbé é a recriação familiar, somos família e essa estrutura é que nos sustenta. Em contraposição a isso, o cristianismo é organizado a partir do patriarcado. Para a gente, das religiões de matriz africana, tudo começa em um círculo e termina no círculo. Não nos organizamos

em pirâmide, ou em uma linha reta. A gente tem um outro projeto de mundo e nesse projeto cabe todo mundo. Ele é baseado no respeito a tudo e a todas e a todos, em harmonia com o meio ambiente, do qual somos parte, e na vida comunitária.

Se existe uma experiência mais próxima do comunismo, é o que a gente vive no candomblé. Depois que você passa da porta do terreiro, nada é mais só seu. Isso requer um debate mais aprofundado, mas sustento essa afirmação. O processo que a gente vive tem a ver com uma estrutura de organização diferente. Todos os problemas que o machismo, o patriarcado e o capitalismo trazem, a gente vivencia lá dentro também. Não estamos apartadas disso. Infelizmente todas as pessoas estão imbuídas desses "ismos" e nosso desafio é lutar para manter os valores que são nossos e que diferem do projeto de imposição que o patriarcado eurocêntrico, cristão e heteronormativo vem impondo ao mundo. Mas nós temos um jeito diferente de nos organizarmos.

Para organizar a minha fala, tentei responder um pouco às perguntas que foram enviadas no convite para o debate. Como é que a gente entende o crescimento do fundamentalismo? Para a gente, nunca foi fácil resistir. Toda vez que eu falo isso, eu lembro da fala de Krenak: "Somos índios, resistimos há 500 anos. Fico preocupado é se os brancos vão resistir"¹. O problema é que, hoje, a gente tem um aparelhamento muito maior do Estado. Mas, para a gente, povo preto, nunca houve democracia de fato. Nós estávamos tentando construir uma democracia, criando gambiarras para tentar entrar no Estado. A cada gambiarra que a gente cria, a gente é cortado e a gente inventa outra. A gente é mestre em criar novas estratégias e readaptar estratégias antigas.

¹ Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2018-10-19-Somos-indios-resistimos-ha-500-anos.-Fico-preocupado-e-se-os-brancos-vaao-resistir#gs.KsXCCzw>

Desde sempre as religiões de matriz africana vão criando formas de garantir a manutenção da sua existência. Para nós, entrar na política nunca foi uma pauta. Nós sempre defendemos um Estado laico e nunca nos declaramos religiosamente dentro dos espaços da política institucional. Mas, com o crescimento do conservadorismo e do fundamentalismo religioso, a gente se vê diante da necessidade de declarar nossas identidades religiosas nesses espaços também. Sempre estivemos lá, mas não entendíamos aqueles espaços como espaços de afirmação religiosa. Nós não queremos um Estado candomblecista ou um Estado de matriz africana. O problema é que quando o Estado diz que só um lado – o lado do cristianismo – é que vale, a gente precisa criar novas estratégias, inclusive de ocupar este Estado.

Em Salvador, cada bairro surge a partir de um terreiro. Isso não é à toa, porque o terreiro se cria a partir da organização de famílias. Você tem um terreiro de candomblé que está ali há 100 anos e nunca teve problema com ninguém e, agora, de repente, se instala um conflito. A nossa religião não é uma religião que promete nada. As pessoas sempre perguntam porque os terreiros têm perdido tantos fiéis para as igrejas evangélicas. Com o aumento do uso de drogas e a falta de acesso à estrutura do Estado, as mães estão desesperadas e passam a aceitar qualquer proposta. Os terreiros de candomblé e os terreiros de umbanda sempre tiveram uma ação social no seu entorno, mas isso não é uma bandeira. O terreiro sempre está aberto para receber uma mulher vítima de violência ou alguém que está precisando de ajuda. As lideranças

atuam como mediadoras de conflitos, mas isso não é uma bandeira. Por isso, muitas vezes as pessoas não conseguem entender aquele espaço como um espaço de manutenção da harmonia social e garantia de direitos.

O nosso modelo da circularidade incomoda muito, porque ele desafia muitas das estruturas que estão postas. O conceito de bem viver da cosmovisão das comunidades indígenas se aproxima muito do que nós acreditamos. A gente precisa acreditar que isso é possível de ser vivido. O nosso desafio é conseguir mostrar para a sociedade que nós temos um outro projeto de mundo. É convencer as pessoas de que aquilo é possível e fazer com que as pessoas olhem para as nossas experiências com uma percepção que vá além de um olhar sociológico ou de um olhar exotizante. Que olhem para as nossas experiências para além das compreensões de que o que a gente vive é místico e não existe de fato. Porque, na verdade, nós temos construído experiências concretas.

É preciso entender o que essas comunidades tradicionais vivem. É preciso conhecer o outro e respeitar o outro de verdade. Olhar para o outro a partir do exotismo é negação da história, da religiosidade, da identidade destas pessoas. É preciso estabelecer diálogos reais, com empatia e afeto. Nós, povo de terreiro, sempre estivemos abertos ao diálogo e queremos ir além disso. Queremos modificar essa estrutura que nos exclui e nos nega. O que não dá é dialogar com quem não acha que somos gente. Neste caso não há diálogo, há embate e se necessário combate.



AS FOGUEIRAS CONTINUAM ARDENDO: SIGAMOS EM RESISTÊNCIA!

* * *

Eu geralmente começo minhas falas com uma saudação feminista e evangélica. É importante demarcar esse espaço, porque quando eu me afirmo evangélica e feminista, isso diz muito do lugar onde eu me encontro, da minha fé, da minha identidade religiosa, mas também do meu posicionamento político. Eu vou abordar a discussão que estamos tendo, aqui, a partir da minha vivência enquanto pastora evangélica de uma tradição presbiteriana e também enquanto participante de uma organização ecumênica. A minha presença nesses dois espaços constitui quem eu sou hoje.

Queria dizer que aprendi a ser feminista através da teologia. Foi no meu estudo de teologia que eu descobri as teólogas feministas e descobri que houve mulheres que questionaram desde sempre os pressupostos religiosos, os pressupostos bíblicos universais, a ideia de verdade absoluta. Aprendi muito com os escritos de Ivone Gebara, de Nancy Cardoso, e fui descobrindo outras mulheres que foram fazendo esses questionamentos ao longo da história. A teologia feminista, que me despertou para as questões de gênero, é assim: ela traz as marcas, dores, lutas, sofrimentos e também as alegrias do cotidiano de tantas mulheres que trazem, no corpo e na alma, as marcas de ainda terem de enfrentar as dificuldades do exercício do pastorado ou do fazer teológico dentro de um ambiente historicamente masculino e marcado pela cultura patriarcal.

É difícil falar de religião cristã no Brasil, porque há uma diversidade quando falamos do cristianismo, às vezes até dentro das mesmas tradições. Então é importante pensarmos sobre o que é religião e sobre o que é cristianismo. Nós, teólogas pastoras, aprendemos a fazer teologia nas margens. Teólogas e pastoras feministas muitas vezes são marginalizadas e, para continuar atuando, nós precisamos enfrentar

todo dia o patriarcado e atuar à partir das margens das nossas igrejas.

O fundamentalismo religioso é apenas uma das dimensões do fundamentalismo que está posto hoje. O fundamentalismo econômico e o fundamentalismo político estão aliados ao fundamentalismo religioso. Esses são os grandes responsáveis pela situação que estamos vivendo.

Precisamos rever a caricatura de que evangélico é sinônimo de fundamentalismo. E a ideia de que os evangélicos são os únicos responsáveis pelo que estamos vivendo. Quando dizemos “bancada evangélica”, não estamos nos referindo a uma bancada somente evangélica. Tem católicos, tem espíritas, tem vários fundamentalistas operando ali contra nós. Nós vivemos em uma sociedade violenta e machista, e posturas fundamentalistas estão presentes em todos os espaços e organizações. Mas, se eu digo isso, eu não quero esconder a questão que nos traz aqui sobre o cristianismo. O que é que a gente está fazendo com o cristianismo a ponto de termos chegado a essa situação atual?

O cristianismo que chega nas Américas veio embasado numa perspectiva colonialista e escravagista. Os europeus trouxeram na sua bagagem a bíblia, a cruz e a espada. Trouxeram um cristianismo promotor de guerras, violências e manchado de sangue. Tudo isso em nome de Deus. Mas tinha muito mais a ver com interesses econômicos e políticos do que com religião. Quero dizer que esse cristianismo, e também as igrejas protestantes que chegaram aqui através de missionários, se consolidou em resistência à modernidade. A maioria dos missionários norteamericanos, que chegaram aqui pra fazer missão e converter as pessoas, eram do sul do Estados Unidos, uma região escravagista e conservadora.

Sonia Mota

Pastora presbiteriana

Diretora da CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço

Quero trazer alguns aspectos desse fundamentalismo que chegou aqui. Primeiro, a inerrância bíblica, ou seja, a ideia de que a bíblia não erra. Essa ideia leva ao repúdio de qualquer tentativa de análise crítica e histórica das escrituras. Não é permitido o uso da razão, porque a bíblia é a palavra de Deus. A partir do dogma da fé se nega qualquer teoria. Estamos vendo, agora, se questionar, inclusive, se a terra é redonda. Outra questão fundamental é o acento no nascimento virginal de Cristo. As mulheres precisam seguir a figura de Maria, uma figura casta, maternal, cabisbaixa, totalmente devotada e amorosa para o seu filho. A representação de Maria nunca é a Maria do seu cântico, libertária. É sempre a Maria silenciosa. O terceiro elemento é o sacrifício vicário. Foi preciso que um homem morresse por nós para que nós pudéssemos alcançar graça diante de um Deus superior e masculino. Então temos a Trindade: Deus pai, Deus filho, Deus espírito santo. O Espírito Santo, na verdade, era uma figura feminina – Ruah-hebraico – que foi transformada em figura masculina.

Nós ainda enfrentamos este patriarcado muito fortemente. É graças a análise de gênero, à hermenêutica da suspeita, instrumental que a gente usa na teologia feminista, que vamos discutir o que não está no texto, mas está pulsando e também questionamos os fundamentalismos e as estruturas de poder. Não é à toa que estamos vendo a volta da caça às bruxas e que buscam desqualificar o que nós mulheres teólogas, pastoras feministas, estamos fazendo. O fundamentalismo religioso moderno retoma a sua agenda teológica conservadora e

identifica a sociedade moderna como uma inimiga que ameaça seus costumes, valores familiares e educacionais. A gente vive esse revés das igrejas, que tentam nos subordinar com a criação de cursos para tornar as mulheres virtuosas, reuniões de autoajuda, “godllywood”¹, cursos para ajudar as mulheres que sofreram situações de violência, discursos que culpabilizam a mulher, campanhas para a volta da mulher ao lar. Então, veja que a coisa não é fácil.

Várias de nós, teólogas feministas, estamos com dificuldades de encontrar trabalho, outras teólogas não conseguem publicar seus textos, não são mais convidadas para os espaços de teologia. As fogueiras continuam ardendo. Eu já fui vítima disso, outras pastoras também têm sofrido perseguição e ameaças de morte. É preciso fortalecer as alianças de solidariedade e as redes de proteção, apoiar grupos de mulheres, organizações e ir ao encontro daquelas que estão fora dos espaços feministas para que seja possível desconstruir essas posturas patriarcais. Para mim, a fé é uma vivência ética que gera vida, libertação e autonomia. Eles querem nos calar, mas nós resistiremos, é como eu aprendi com Ivone Gebara: “nós somos as incômodas filhas de Eva”.

.....
1 De acordo com as palavras da própria Universal, “Godllywood nasceu de uma revolta sobre os valores errados que a nossa sociedade tem adquirido através de Hollywood. Nesse trabalho nosso principal objetivo é o de levar as jovens a se tornarem mulheres exemplares e se tornarem avessas às influências e imposições Hollywoodianas. Elas desenvolvem laços familiares que tem se perdido nos últimos anos.” Disponível em: <https://www.universal.org/godllywood/>



SETE OBSERVAÇÕES CRÍTICAS SOBRE AS RELIGIÕES

* * *

Ivone Gebara
Freira católica
Filosofa e teóloga feminista

Eu estou convencida de que as feministas de diferentes tradições e de diferentes idades, nós estamos conscientes das dificuldades de entender como agir frente ao surgimento de um novo rosto das religiões. Um rosto que espanta, porque acreditávamos antes que as religiões eram detentoras de mais respeito, mais amor, mais paz. Elas se afirmavam como mensagens que vinham de deus, dos céus, e tinham em vista ajudar as pessoas. Esse rosto mais tradicional tem mostrado hoje seu lado obscuro, seu lado ambíguo, paradoxal e violento. O novo rosto tem abalado até a crença na existência de um deus bom. Tal revelação ou desnudamento sucedeu em muitos lugares outrora, em muitos espaços, mas hoje ele se reveste, espacialmente aqui no Brasil e na América Latina, de uma destrutividade tal que chega a aterrorizar. Nessa linha, eu quero fazer sete breves observações críticas.

1. A gente precisa ter claro que o fenômeno religioso como um sentido que orienta as nossas ações provém de nós mesmas. Não se sustenta mais a gente dizer que está fazendo algo porque Deus está mandando. A gente percebe o quanto essa palavra “Deus” é escorregadia. É importante a gente entender o que é esse fenômeno. As religiões são uma característica das nossas sociedades. Nós é que criamos as religiões, elas não brotam do chão. Esse que a gente chama de Deus é, em grande parte, expressão dos nossos desejos, das nossas vontades, das nossas inseguranças. A pretensa revelação dos deuses são formas de explicar a nós mesmos algo das nossas vidas. Os mitos somos nós. Se vocês forem olhar os mitos gregos, as divindades gregas são todas expressões de questões cotidianas.

2. Hoje, o que se observa a olhos nus é a flagrante beligerância das instituições religiosas entre si através dos seus representantes e dos seus fiéis. Beligerâncias através dos seus espaços de poder.

E o que são espaços de poder? Espaços de poder não são só o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Existem espaços de poder dentro das comunidades. De que poder se tratam esses espaços? Eu creio que a base maior desse poder tem a ver com a dominação econômica, mas não só isso, tem a ver também com a dominação cultural, política, religiosa. De tal forma que, no que se refere à dominação religiosa, quem tem poder é aquele que representa o poder máximo divino. Aquele que se diz representante de deus é aquele que detém o controle da vontade divina sobre os outros. Podem ser as coisas mais absurdas, como não permitir que se façam transfusões de sangue. Isso é uma coisa que os testemunhas de Jeová levam a sério. E se você for olhar, há testemunhas de Jeová absolutamente comprometidos com questões sociais, mas, ao mesmo tempo, seguidores de coisas como essa.

3. Hoje, o que está acontecendo nas diferentes instituições religiosas é uma mutação de conteúdos. Por exemplo, na igreja católica você encontra uma ala ultraconservadora. Dentro das mesmas instituições existem interpretações que são divergentes umas das outras e cada uma deseja excluir as demais. As pessoas dizem para mim “Você é católica? Com que direito você se diz católica?”. Eu respondo “Eu sou católica do mesmo jeito que você se considera católico. Porque eu acredito na minha história e quero que as coisas sejam diferentes do que elas são”. Então, uma coisa para a gente se perguntar é porque essa explosão da diversidade está acontecendo.

4. As igrejas cristãs vivem uma perda de credibilidade ética frente aos escândalos sexuais, aos escândalos econômicos. Pela internet você pode acompanhar o desenrolar de todos eles. Essa falta de credibilidade revela algo de suma importância. De repente, não tem mais ninguém que seja o bastião

da ética e da moralidade. Nós estamos nus e nós estamos nuas. Nenhum grupo está isento em relação à corrupção como interesse primeiro ou segundo em sua vida. Essa imaginação de que os religiosos estariam isentos da corrupção caiu por terra.

5. O feminismo, na sua diversidade de expressões, e aí também dentro das religiões, tem criado rupturas filosóficas, políticas e religiosas, apresentando novas representações. Isso cria uma revolução absolutamente incrível. O cristianismo se perpetua porque se ancora na ideia de que o poder não se localiza na terra, se localiza no céu. E, de repente, esse poder não se sustentou mais, caiu. O que o deixou cair? O que o fez cair? Muita gente o fez cair, e o feminismo é uma das forças que o fez cair. Isso cria um problema sério para a manutenção dos monoteísmos. Os monoteísmos estão sendo, de diferentes maneiras, abalados pelos feminismos. Por isso que eles nos odeiam. O feminismo apresenta uma revolução epistemológica e antropológica que também penetra na avaliação dos dogmas religiosos. Imagina, a gente questionar a virgindade de Maria e o ato sacrificial de Jesus? Eu tenho a impressão que as religiões monoteístas colonialistas também influenciaram muito as religiões de matriz africana. De tal forma que, com essa miscigenação cultural, alguns terreiros absorveram também a dominação masculina. A Vera Baroni, quando foi candidata a vereadora, me pediu para ir com ela a um pai de santo para vermos como iríamos articular religiosamente a candidatura dela. E o cara foi terrível, de um machismo enorme. Uma atitude feminista frente a essa absorção colonialista é uma atitude que tem sentido.

6. É preciso entender algo especial sobre o significado da onda fundamentalista e a maneira como ela atinge os feminismos. Quando falamos

de fundamentalismos religiosos, estamos falando de um dogmatismo levado adiante por elites religiosas que impõem formas de vida. Mas, hoje, os fundamentalismos religiosos não são apenas representados por elites religiosas, são também fundamentalismos populares. Há um fenômeno crescente de pobres passando a perna em outros pobres. Pobres de tradições neopentecostais que incendeiam terreiros, por exemplo. O que eu estou querendo dizer é que hoje a gente não pode mais falar que o fundamentalismo religioso é mantido apenas pelas elites políticas. As elites políticas se misturam nesse processo, colocam dinheiro, de tal forma que a gente pode falar que os extremos do poder se tocam e as religiões se tornam um negócio lucrativo. E a gente perdeu aquele outro sentido da religião.

7. O último ponto é o problema ético e histórico que se impõe. A gente precisa ultrapassar aquele dualismo pobre-rico. Nós fazemos parte disso. Ainda que com nossos baixos salários, nós fazemos parte de um mundo que tem água potável para beber. Temos um desafio teórico para pensar o nosso lugar dentro disso. Não são só aqueles homens que são responsáveis pelas desigualdades de gênero. Nós precisamos introduzir uma outra forma de análise para entender que nós também somos parte disso. Precisamos pensar em outras alianças. Não apenas em formas que nos levem a reproduzir as análises que o feminismo fez há quarenta anos ou as mesmas análises que os partidos de esquerda fizeram há quarenta anos. Porque nós também somos fundamentalistas. Eu também sou fundamentalista nas minhas ideias e no que eu proponho. Então eu também preciso entrar em outra dinâmica para rever as coisas e não entrar numa espécie de feminismo anacrônico.



ALIANÇAS POLÍTICAS PARA ENFRENTAR O FUNDAMENTALISMO

* * *

Eliad Dias dos Santos
Pastora metodista
Evangélicas pela Igualdade de Gênero

A Sonia Mota estava falando da questão das pastoras e eu lembrei que eu não fui uma das primeiras, mas, há quinze anos, a Eliane Brum fez uma entrevista comigo porque eu fui acusada de bruxaria pela igreja metodista. Um bispo disse que eu não podia mais ser pastora porque eu era feminista. Então, se quando a gente é feminista e branca, numa instituição dominada por homens brancos, já se enfrenta desafios, imagina que inferno não é ser uma feminista negra nesses espaços. Eu pago muito caro pelas minhas ações. Eu sempre briguei com a igreja porque eu queria trabalhar com as prostitutas, porque eu queria trabalhar na cracolândia.

A gente sabe que esse fundamentalismo religioso é um projeto de um grupo dos Estados Unidos. É importante mostrar que existe um projeto, um sonho de que todos os líderes das Américas sejam homens de Deus. Há doze ou treze anos atrás, eu participei de um encontro no Rio Grande do Sul que tinha integrantes desse grupo para ensinar como a gente poderia construir esse sonho dos evangélicos serem os novos líderes mundiais. Eu lembro que os evangélicos de direita sempre estiveram aí. E tiveram muito mais força quando os partidos de esquerda, principalmente o Partido dos Trabalhadores (PT), começaram a tentar fazer alianças com essa gente. Eu sou petista desde os meus 19 anos e hoje tenho 53, militei em Santo André, trabalhei no mandato de Carlos Grana e eu falava: “Não dá pra fazer aliança com essa gente. Escute quem é do metiê e quem fez ciências da religião”.

Durante muito tempo, no campo das ciências sociais, as pessoas achavam que não se deveria falar de religião, que o Estado é laico e nós não precisávamos falar disso. A gente esquece que as pessoas com quem a gente conta com o voto, lá na periferia, muitas vezes estão na igreja. Lembro da primeira eleição de Dilma, quando ela assinou aquela

carta dizendo que não iria falar sobre aborto. E, mais uma vez, o movimento negro e nós, mulheres, tivemos vendida a nossa possibilidade de avanço em nome de uma aliança política. Isso fortaleceu esses grupos políticos. A gente não pode esquecer que esse foi um grave erro que foi cometido. É o mesmo que achar que o movimento negro vai fazer aliança com a Ku Klux Klan. Não é possível.

Se vocês tiverem tempo, assistam às palestras das pastoras que ensinam como ser uma mulher de Deus. As pastoras dizem coisas como: “Se nós somos ansiosas quando vamos pedir um marido para Jesus, o diabo nos manda um marido que nos trata mal”, “Se esse homem bate em você é porque você é ansiosa, você está pedindo demais”, “Você tem que lembrar que você é apenas um corpo que pertence ao seu marido”. Cansei de dizer para as minhas colegas “Vamos fazer um trabalho para desconstruir com as mulheres o que eles estão dizendo”. Porque a gente faz o trabalho e o pastor, em dois minutos desconstrói tudo o que a gente diz. Quem viu Edir Macedo falando no mês passado que as filhas dele não fizeram faculdade, porque elas tem que entender os seus companheiros? Há algum tempo ele também falou em um culto que queria orar pelas mulheres que sofreram abusos na infância para curar a culpa delas, porque se elas foram violadas é porque a culpa é delas.

Recentemente, tive a experiência de conversar com a mãe de uma menina que estava sendo abusada e ela nos respondeu o seguinte “O meu marido é quem paga as contas da minha casa, ela é uma menina endemoniada, ela fica se oferecendo para as pessoas. Tudo o que está acontecendo com ela é culpa dela porque ela não aceita ir para a igreja comigo”.

Uma das questões que precisamos pensar é que nós precisamos nos misturar mais e reconhecer que a gente não é só fundamentalista, muitas vezes a

gente também é elitista. Nós temos dificuldade de reconhecer essas questões. Precisamos lembrar que a gente precisa se unir e que as nossas lutas se conectam. Quando eu trabalhei como assessora no governo do Grana, com políticas LGBT, as pessoas me perguntavam porque eu estava trabalhando com direitos LGBT se eu não sou da comunidade LGBT. E eu dizia “Bom, eu sou mulher e negra”. Para que a gente possa derrubar o atual cenário, a gente precisa se unir com objetivos comuns. Na igreja em que eu sou pastora a gente combinou que não adianta mais segurar a mão, a gente vai ter que se agarrar mesmo, para fortalecer as lutas umas das outras. Porque se não, não vai adiantar.

Respondendo à terceira pergunta, sobre quais seriam as alianças possíveis e necessárias para se contrapor a esse fundamentalismo, eu quero dizer que sem aliança com os movimentos sociais, sem aliança com as mulheres trans, não adianta. O que é que aquela mulher que é líder comunitária pensa sobre o momento que estamos vivendo e que estratégias ela tem para sobreviver? Nós não somos detentoras do saber e não temos o poder de salvar ninguém. Precisamos abrir mais os nossos espaços para conseguir abrir um pouco mais as nossas mentes. A gente precisa de espaços de troca. E isso inclui também ouvir mais as teólogas feministas para que possamos trabalhar juntas a pensar juntas sobre as questões que dizem respeito às religiões.



A ONDA FUNDAMENTALISTA DESAFIA O FEMINISMO POPULAR

* * *

Carmen Silva
Sem religião

SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia

Este debate sobre religião diz respeito também à forma como a gente entende o feminismo. E, portanto, como o feminismo confere sentido para as nossas vidas. Eu acho super interessante como isso dialoga com o sentido mais transcendente de religião que Ivone Gebara trouxe. A transcendência não é exclusiva dos espaços religiosos. E é importante pensarmos em formas de transcendência que vão além da religião e que são capazes de alimentar os nossos anseios, de nos constituir como sujeitos. Isso ajuda a pensar em espaços de alegria, de acolhida, para que seja possível enfrentar esse momento e criar uma forte onda feminista, irresistível.

Precisamos entender que essa ascensão fundamentalista que estamos vivendo é um processo organizado. Algumas leituras olham tanto para a onda fundamentalista como para a onda do autoritarismo político como se fossem fenômenos espontâneos. Mas elas têm doutrinas, tem lideranças, tem instituições, tem estratégias de recrutamento, tem muitos recursos financeiros. Em suma, tem um projeto de poder. Abandonar essa ideia de espontaneidade é muito importante.

É evidente que a ascensão fundamentalista se articula com esse novo momento de acumulação do capital e com as novas possibilidades tecnológicas. A onda religiosa que estamos vivendo traz também com força os fundamentos da teologia da prosperidade já há bastante tempo. Recentemente eu descobri também uma outra leitura religiosa que fortalece esse momento do capitalismo, que é a ideia do catástrofismo. O que se coloca é que não adianta interferir em catástrofes ambientais, que na verdade nós sabemos que são crimes ambientais, porque elas seriam sinais do fim dos tempos, da vinda do reino de Deus. Então interferir nisso é interferir nos planos de Deus, no destino que Deus guardou para nós.

Há tempos temos denunciado essas questões. Nós, da Articulação Feminista Marcosur, desde o início do Fórum Social Mundial, em 2001, temos uma campanha contra o fundamentalismo com o slogan “tua boca é fundamental contra o fundamentalismo”. Nós já estávamos vendo o crescimento do fundamentalismo. O movimento negro, especialmente as mulheres negras, tem colocado há muito tempo a questão do extermínio da juventude negra e também denunciam como as religiões neopentecostais tem se apresentado como um espaço de acolhida nas comunidades periféricas e ao mesmo tempo como incitação à violência contra as casas de culto de religiões de matriz africana.

Os movimentos ecumênicos cristãos e os povos dos terreiros tem feito essas denúncias a tempos. Hoje a força política do fundamentalismo religioso avançou porque ele está articulado com o governo federal. E se articula também com a incitação ao ódio e a violência contra os dissidentes da norma patriarcal e racista. A prática de queimar terreiros tem se expandido. Em Recife temos visto vários casos de estupros corretivos a mulheres lésbicas. O grau de crueldade nos feminicídios e assassinatos de pessoas trans tem aumentado barbaramente. Elas estão se sentindo autorizadas.

Por que é que isso não foi visto pela esquerda se nós estávamos a tempos denunciando? Porque não conseguimos enfrentar esta onda conjuntamente? Uma parte considerável da esquerda estava ocupada com outras coisas. A aposta no projeto desenvolvimentista de conciliação de classes dificultava olhar para essas questões e, como consequência, impedia que se percebesse como o fundamentalismo religioso está relacionado às relações capital-trabalho, à política de descarte

de pessoas que opera dentro desse modelo de capitalismo que está vigorando¹.

Durante muitos anos e ainda hoje, as nossas denúncias foram colocadas como pautas identitárias como forma de diminuí-las. A forma 'partido' busca nos movimentos sociais apoio para as suas estratégias, mas não tem a capacidade crítica de absorver novas causas a partir de uma construção coletiva. Somado a isso, a cultura política brasileira é fortemente salvassionista, messiânica. Esse elemento da nossa cultura política se expressou nitidamente na última eleição. E nós, na esquerda, temos tido dificuldades de apresentar outras saídas que não sejam a partir da chegada de um novo messias. Isso dificulta a construção de formas mais horizontais e mais autônomas de articulação política.

A presença das igrejas está colocada em todas as esferas das vidas das pessoas. Ela tem banco de

.....
¹ Nas reuniões passadas nós discutimos o crescimento da descartabilidade das pessoas, que são majoritariamente as pessoas negras, periféricas, de povos tradicionais, migrantes. Ver: Desafios do feminismo no Brasil (<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14967.pdf>) e Diálogos Feministas: análise de conjuntura e desafios para a defesa da democracia (<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/15434.pdf>).

empregos, lá você consegue roupas mais baratas em brechós, elas se importam em tirar seu marido da embriaguez e seus filhos da droga e por aí vai. Há uma captura da subjetividade aliada à contribuição para coisas mais objetivas da vida. Para enfrentar essa situação o feminismo precisa ser popular e se enraizar nas periferias. Não há salvação fora da organização coletiva e autônoma. Não há.

É preciso articular-se com outros movimentos sociais, construir fortes relações e alianças nas periferias das cidades e nas regiões de bolsões de desenvolvimento. Como é que nós, dos movimentos feministas, assumimos, por exemplo, a luta por uma nova política de drogas? Como é que a gente assume a luta contra o encarceramento em massa do povo preto? Como fortalecemos a nossa aliança com o movimento indígena e quilombola? Como é que a gente dialoga com outras filosofias, que se articulem com modos de vida que não são os modos de vida que essa forma hegemônica ocidental assumiu como bons? Enfim, junto com o enfrentamento à onda fundamentalista vem vários outros desafios que estão se avolumando na vida cotidiana de nós mulheres.



* DIÁLOGO COLETIVO *

Os tópicos apresentados a seguir são fruto da discussão coletiva realizada entre as participantes do debate “Desafios do feminismo frente ao crescimento da onda fundamentalista”, realizado em São Paulo em outubro de 2019. Essa sistematização não pretende esgotar todas as questões abordadas e nem representa necessariamente a opinião de todas as participantes.

RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL: A ESTRUTURA E A CONJUNTURA

Um dos aspectos importantes para discutirmos é o lugar que a religiosidade ocupa na sociedade brasileira. Nós temos uma formação escravocrata e patriarcal, isso está enraizado na nossa sociedade. E toda ‘casa grande’ tem uma capela. A ética, a solidariedade, a irmandade não estavam necessariamente presentes nos espaços religiosos. A irmandade era um espaço que a população negra construiu para poder se solidarizar entre si. Mas não era um valor da casa grande. Então a religiosidade na sociedade brasileira é muito contraditória e carrega muito preconceito.

Por mais racista e patriarcal que seja o cristianismo brasileiro, não podemos reduzir a violência e o conservadorismo que vivemos na arena religiosa e política hoje ao que sempre existiu na sociedade brasileira. Porque, se reduzirmos o presente ao que estrutura a nossa sociedade, diminuímos também o absurdo que é o contexto que estamos vivendo. É fato que a população pobre, negra e as mulheres sempre sofremos. Mas, agora, estamos diante de um cenário ainda mais dramático, que pode continuar piorando.

Pensar no momento atual unicamente a partir da ideia de que o preconceito e o racismo sempre fizeram parte da sociedade brasileira é uma análise de conjuntura que coloca todo o peso do que está acontecendo na estrutura, ou seja, nos fatores fundantes da sociedade. O problema desse tipo de análise é que ela ignora que, por mais que não tenhamos ultrapassado essas desigualdades, houve momentos em que era mais legítimo denunciá-las. Quando a análise é muito estrutural, parece que não tem para onde ir. Porque se sempre foi, a gente tira o peso do momento que estamos vivendo.

RELIGIÃO COMO PROJETO DE PODER

É importante que a gente perceba a diferença entre a fé individual de cada pessoa e os projetos de poder que envolvem as religiões. Porque se nós não fizermos essa diferenciação, corremos o risco de enquadrar as pessoas religiosas automaticamente como opositoras políticas, quando, na verdade, os nossos opositores são aqueles que se utilizam das religiões como ferramenta de dominação.

Por outro lado, se não assinalarmos que de fato há um projeto de poder por trás de alguns discursos religiosos, caímos na armadilha de acharmos que precisamos ser tolerantes também com os discursos religiosos que perseguem minorias políticas, defendem ideologias opressoras e atacam os nossos direitos. Precisamos reconhecer a importância da espiritualidade na vida das pessoas, mas isso não significa ignorar que as religiões têm sido, historicamente, instrumentos de dominação e perseguição.

FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E O ESTADO

Há um projeto político de poder conservador e contra os pobres, que tem como um dos elementos fundamentais a entrada do fundamentalismo religioso na política institucional. Os fundamentalismos religiosos são uma base de apoio importante do atual governo. Precisamos entender como esse projeto se fortaleceu e olhar de forma crítica para todo o processo que nos trouxe até aqui.

A discussão sobre o fundamentalismo religioso e a tomada do Estado parecia muito distante da nossa realidade. Nós, feministas, vínhamos denunciando esse cenário. Mas, em geral, a discussão feita sobre o fundamentalismo era em torno do islamismo e da guerra pelo petróleo no Oriente Médio. A esquerda realmente dormiu no ponto. Foi incapaz de dar a devida atenção aos processos que estavam ocorrendo localmente e, inclusive, de perceber como o avanço do fundamentalismo religioso no Brasil também está relacionado às disputas em torno dos recursos naturais.

Nós não podemos perder de vista que uma parte da esquerda esteve disposta a fazer alianças com esses setores e que esse também foi um fator que levou ao crescimento de uma força política fundamentalista. Houve uma permissão para a entrada dos fundamentalistas religiosos nos espaços do Estado. Para que essas alianças fossem construídas, muitas concessões foram feitas em detrimento dos direitos das mulheres, dos direitos da população negra, dos direitos da população LGBT.

E hoje nós temos cultos nas Câmaras Municipais, Assembleias Estaduais e no Congresso Nacional. Se o estado é laico, isso não deveria acontecer. Mas essas forças acumularam tanto poder que não conseguimos reagir a isso de forma eficaz. Para não perder votos e alianças, em inúmeras situações nós recuamos de denunciar essas práticas.

DEFESA DO ESTADO LAICO

Estamos vivendo uma mistura perigosa entre religião e política no Brasil. Às vezes, parece que estamos vivendo uma inquisição novamente e isso é muito perigoso. As nossas experiências históricas nos mostram que uma relação assim tão estreita entre essas duas esferas não dá certo. Por outro lado, precisamos levar em consideração que a relação entre política e religião sempre foi confusa no Brasil e a verdade é que estamos longe de entender o que é o princípio da laicidade.

Nós não podemos esquecer que o PT é, na sua grande maioria, um partido católico. Lula é católico e ele foi um presidente católico. Qual é a discussão que nós temos feito sobre laicidade do Estado? O que significa um Estado laico? A divisão entre religião e política não é feita na vida individual das pessoas, sejam elas lideranças políticas ou não. As nossas crenças religiosas têm uma dimensão ética que perpassam os nossos valores políticos. Isso não significa que não devemos pensar em limites bem estabelecidos sobre como deve se dar a relação entre religião e Estado. Não significa que a relação entre religião e política deve estar isenta de críticas. Mas precisamos pensar melhor e ressignificar o que nós entendemos por religião para que possamos construir uma concepção crítica de laicidade do Estado que dialogue com as nossas realidades concretas.

A laicidade que a gente defende no feminismo ainda faz sentido? Faz sentido se apegar à laicidade tendo em vista que ela é um valor que está relacionado à compreensão moderna que nós temos de política e de Estado? Essas noções hoje parecem tão limitadas. O que é que nós podemos construir a partir das críticas que temos feito à modernidade? Como pensar uma outra compreensão de política que leve em consideração diferentes visões de mundo?

A ESQUERDA E AS RELIGIÕES

A esquerda ainda tem muitos preconceitos no diálogo com lideranças religiosas e esses preconceitos impedem que a gente pense com mais profundidade sobre qual é a importância da religião na vida das pessoas. Em muitos setores da esquerda, a religião é simplesmente sinônimo de manipulação. Enquanto não ouvirmos outras perspectivas sobre o que são as vivências religiosas, teremos muitas dificuldades de avançar em algumas alianças políticas.

Para nós, feministas, a ideia de pecado presente nas religiões é um problema, porque inibe a criatividade e a liberdade das pessoas. Algumas pautas feministas confrontam valores disseminados nos espaços religiosos, como a luta pela legalização do aborto e pela liberdade sexual. Como dialogar com as mulheres sobre essas questões quando nós não somos religiosas? A religião é uma coisa individual. Você não pode exigir das pessoas que elas tenham a mesma religião que você ou dizer para elas que não ter religião é melhor do que ter. Enquanto feministas, nós também precisamos nos repensar. Às vezes, nós carregamos muitos preconceitos em relação às religiões. Existem diferentes formas de ser evangélica, por exemplo. É possível estabelecer diálogo com algumas delas.

ALIANÇAS

É uma pena que a gente não tenha conseguido se ouvir mais e traçar mais estratégias conjuntas ao longo dos últimos anos. É importante que a luta das sindicalistas, por exemplo, se articule com a luta das mulheres que atuam em espaços religiosos. A gente precisa se conhecer melhor, conhecer melhor a luta e as reflexões que estão sendo feitas nos diferentes espaços. Hoje, a discussão sobre religião é inexistente nos espaços dos sindicatos. Mas a religião é parte da vida das trabalhadoras e dos trabalhadores, então precisamos pensar criticamente sobre como nos relacionamos com ela. Nós não temos mais os espaços de aliança que tínhamos antes, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), por exemplo.

Como é que estabelecemos alianças com lideranças comunitárias e com setores mais progressistas das igrejas? Pode parecer que a construção dessas alianças é simples, mas não é. A esquerda tem resistência a lidar com a religiosidade e a espiritualidade das pessoas. Essa resistência é fruto de discussões históricas sobre o papel de dominação da religião na vida das pessoas. Não são discussões para descartarmos completamente, mas talvez seja o momento de buscarmos reflexões que olhem para a relação que as pessoas desenvolvem com a religiosidade de forma mais complexa. Porque ignorar a religião ou os espaços de disputa religiosos não tem dado conta de criar condições de enfrentar o cenário que estamos vivendo.

COMO DIALOGAR DE FORMA RESPEITOSA COM A CRENÇA DAS PESSOAS?

Como é que a gente apresenta as nossas visões de mundo e se faz entender? A CUT teve muita dificuldade de dialogar com as pessoas a respeito da Reforma da Previdência. O empreendedorismo e a teologia da prosperidade são discursos com os quais nos deparamos nessas tentativas de diálogo. O desafio de dialogar com a espiritualidade das pessoas é o mesmo desafio que está colocado para a esquerda como um todo de como dialogar com a experiência concreta das pessoas. A religiosidade é mais um elemento com o qual vamos precisar dialogar na medida em que estejamos atuantes nos bairros e nos territórios das pessoas. As diferentes vertentes do feminismo vão desenvolver diferentes estratégias de lidar com a religião. Alguns setores vão disputar as religiões por dentro, outros vão buscar formas de dialogar com essa religiosidade de fora, com respeito e sem perder a perspectiva crítica.

O PATRIARCADO ESTÁ EM DIFERENTES ESPAÇOS

As experiências que temos enquanto mulheres nos espaços religiosos é parecida com as experiências que temos enquanto mulheres nos espaços sindicais ou como mulheres em outros espaços políticos. Não são só os espaços religiosos que são patriarcais, o mundo em que vivemos é patriarcal e precisamos disputar espaço nas diferentes esferas que ocupamos. Não é fácil.

Nós, mulheres pastoras feministas, enfrentamos uma série de desafios. Além dos discursos dos homens machistas das igrejas, ainda temos as pastoras aliadas a essa perspectiva patriarcal da religião. O conteúdo que as pastoras transmitem nos cultos muitas vezes reafirmam a desigualdade e elas acabam sendo tão opressoras quanto alguns pastores. A filha de Silas Malafaia está fazendo uma campanha para as mulheres postarem nos seus perfis das redes sociais fotos fazendo trabalhos domésticos, como lavar louça ou cuidar dos filhos, mostrando como você é uma mulher feliz nestas atividades. Essas mulheres estão fazendo um desserviço nos cultos das igrejas.

FUNDAMENTALISMO E INDIVIDUALISMO

“Deus é Fiel” é uma frase que vemos muito quando andamos pela cidade, nos carros e nos muros. As pessoas se recusam a encarar intermediários, só Deus é fiel. Quem está do nosso lado, as pessoas de carne e osso, não significam mais nada. Há uma quebra da imagem do coletivo e um crescimento do individualismo. As pessoas não confiam umas nas outras, elas só confiam em Deus. Isso é preocupante, porque desfaz os laços de solidariedade. E esse Deus não é um Deus bondoso. É um Deus ao qual nós precisamos nos submeter. Então a lógica não é a de que devemos escutar Deus, mas a de que devemos nos submeter a Deus.

DISPUTAS DENTRO DA ESQUERDA

A gente fala da esquerda. Mas às vezes não leva em consideração que dentro da esquerda também há uma correlação de forças, dentro dos movimentos sociais, dos sindicatos e dos partidos há uma correlação de forças. A gente não pode fazer uma análise exterior, se colocando fora da esquerda. Nós somos a esquerda. O problema é que, às vezes, a gente perde na disputa política na esquerda, dentro dos sindicatos, dentro dos partidos. O racismo e o patriarcado são tão fortes que estão dentro de todas nós e também dos espaços políticos em que atuamos. Isso faz com que a gente precise estar o tempo todo se desconstruindo, reconhecendo os nossos preconceitos e reconhecendo o quanto de intolerância nós também carregamos. Nós, mulheres, a população negra, indígena, a população LGBT é que empurramos a esquerda para a esquerda. A esquerda é sonho de igualdade. E a população negra e população indígena é que tem condições de nos lembrar que igualdade é essa.

FUNDAMENTALISMO E AUTONOMIA ECONÔMICA DAS MULHERES

Nós temos uma questão concreta em relação ao debate da autonomia econômica das mulheres: 43 milhões de mulheres estão fora da força de trabalho. Nesse período de retrocesso, os discursos religiosos têm ganhado força e contribuído para o retorno das mulheres ao lar. Porque não é só voltar para a casa, é voltar para a família. Como é que a gente dialoga com as mulheres, numa perspectiva crítica, sobre o fato de que não é normal que elas não tenham a opção de ter um emprego ou que não é normal elas estarem vivendo a precariedade que estão vivendo?

RELIGIÃO E CAPTURA DA SUBJETIVIDADE

Ir para a igreja não é necessariamente ruim, esse pode ser um momento de reflexão e de acolhimento na vida das pessoas. Mas a religião também pode ser uma forma de captura de subjetividade. Os grupos religiosos têm ocupado cada vez mais áreas como a psicologia e o serviço social, transformando o cuidado de si em uma questão religiosa. A psicologia é um campo que também quer disciplinar corpos, então é um prato cheio para quem quer fazer isso a partir da religião. Essa forma religiosa de pensar a psicologia não quer pensar uma ética da profissão, quer dizer como as pessoas devem se comportar. Um dos elementos que está cada vez mais claro neste projeto de dominação é a retirada das mulheres do espaço público. A culpa é uma das ferramentas utilizadas pela religião. As pessoas se veem na obrigação de serem felizes, porque estão vivas, porque têm uma família, porque têm Deus nas suas vidas. A religião se torna um meio para silenciar as questões da vida.

RELIGIÃO COMO RECURSO ÚLTIMO DAS PESSOAS

A religião, em alguns contextos, é o recurso último da população mais vulnerável. É o recurso de quem não tem mais com o que contar. Diante das tragédias da vida, às vezes a gente não tem uma saída. A resposta que se dá é "É porque Deus quis". O que isso significa? Não é que uma entidade superior quis, é porque aquela pessoa não sabe porque isso aconteceu. Isso se chama hermenêutica, interpretação. E, no nosso caso, hermenêutica feminista. São tentativas de traduzir a linguagem das mulheres que se expressam de uma forma religiosa. Para muitas mulheres, a igreja também é um lugar para trabalhar a culpa. Muitas vezes a explicação religiosa é um lugar onde elas podem se apoiar. É preciso ter um lugar de apoio e na vida de algumas pessoas isso só é encontrado a partir da religião. Nós precisamos traduzir o lugar da linguagem religiosa dentro da vida. Dentro da esquerda, precisamos repensar o lugar da linguagem para que possamos pensar no que é verdadeiramente importante para as pessoas e possamos estabelecer em diálogos.

Na Europa, por exemplo, as igrejas estão acabando. As igrejas têm virado bibliotecas, teatros, casas de shows. Mas porque as pessoas lá não têm a necessidade de ter um Deus como a gente tem? Um dos motivos é porque o Estado funciona e outro motivo importante é porque as pessoas têm acesso a muitas formas de lazer. Aqui, para algumas pessoas, a igreja é o único espaço de diversão e de pertencimento a uma comunidade. São as mulheres que limpam a igreja, que organizam a igreja, estas mesmas mulheres são arrimo de família, estão lidando com a solidão e estão apegadas a uma figura masculina de Deus que é o seu ponto de apoio. Se pensarmos na situação que algumas mulheres estão vivenciando, retirar a religião não parece uma solução.

Por outro lado, também não podemos pensar na religião como um destino necessário ou olhar para essa ideia de que a religião é o último recurso de muitas pessoas como se isso não pudesse ser mudado. É preciso dialogar com a fé das pessoas de forma respeitosa, criar pontes, para que possamos entender também porque essa fé é importante para as pessoas. A questão não é apenas de respeitar a fé das pessoas, mas de construir outros caminhos e espaços para que as necessidades das pessoas possam ser preenchidas. Reconhecer que a religião é importante na vida não pode ser justificado simplesmente pelo fato da religião ser o único recurso para algumas pessoas.

MOVIMENTOS SOCIAIS COMO ESPAÇOS DE PERTENCIMENTO

Os movimentos sociais, os sindicatos e partidos políticos também podem ser espaços de acolhimento, pertencimento e construção das nossas identidades. As comunidades políticas também cumprem esse papel que muitas vezes é ocupado pelas religiões. O encantamento pela construção coletiva e pela partilha comunitária é fundamental para que esses espaços sejam espaços de fortalecimento para as pessoas. Se isto não está ocorrendo, é porque a gente precisa rever como estamos construindo a luta coletiva e porque é que não está bom para todo mundo, porque é que algumas pessoas não se sentem acolhidas e fortalecidas nesses espaços.

FORMAÇÃO POLÍTICA X IGREJA

O que é que as mulheres em situações precárias de trabalho fazem, além do trabalho? Vão para a igreja. Há uma disputa com as igrejas que é em relação ao próprio tempo das pessoas. As igrejas oferecem uma série de atividades que preenchem o tempo livre da população, como os grupos de evangelização, os grupos de oração etc. As pessoas ficam sem tempo de participar de sindicatos e de movimentos. As trabalhadoras não procuram mais o sindicato. Antes, era comum que as mulheres procurassem o espaço do sindicato para dialogar, às vezes até trazendo questões que não tinham a ver necessariamente com questões trabalhistas. Hoje, as mulheres não procuram mais os sindicatos como espaço de apoio.

LUTA DE CLASSES

Durante algum tempo a história e a filosofia da história das esquerdas se baseou numa visão dicotômica. Uma visão que entende a história como uma luta entre poderosos e pobres. Será que deveríamos experimentar sair um pouco dessas categorias estanques como pobre e rico, feminista e antifeminista, macho e fêmea e introduzir leituras mais complexas das relações sociais? Experimentar dar outro teor à história para que seja possível contar outras histórias? Não é que não existam classes sociais, mas tornar as classes sociais ou o crescimento do mercado como a única chave da história é manter o círculo vicioso, um círculo com a mesma leitura da história que estamos fazendo há mais de um século.

Como podemos complexificar o debate ser perder de vista que no mundo em que a gente vive existe exploração e dominação? A sociedade capitalista se baseia na exploração da classe que não tem propriedade pela classe que a detém. O processo de transformação da sociedade não será dado pelos que hoje detém o poder. Em um momento de aprofundamento do neoliberalismo, como o que estamos vivendo, o acirramento da luta de classes se faz evidente. Então como podemos fazer uma leitura da história e do contexto que leve em consideração esse acirramento entre lados antagônicos, mas que ao mesmo tempo consiga olhar para a complexidade que existe também dentro destes lados?

PROJETO COMUM

Enquanto não entendermos que o capitalismo, o racismo e o patriarcado operam de forma conjunta, não vamos avançar. Então precisamos nos perguntar o que estamos fazendo dentro dos nossos espaços de atuação política para combater essas estruturas de opressão. Quem são as mulheres e os homens negros que estão em lugares de poder nos sindicatos e movimentos sociais? Qual tem sido o espaço para as candidaturas de mulheres nos partidos políticos? Quando o movimento de mulheres negras começa a querer representar o movimento de todas as mulheres, as mulheres brancas não se retiram. As mulheres brancas sempre representaram as mulheres negras, mas o contrário a gente ainda não consegue fazer. Ou a gente reconhece que existe uma distribuição desigual de poder e privilégios nos nossos próprios espaços, ou não vamos conseguir levar adiante um projeto igualitário. O caminho para as alianças é a gente começar a reconhecer os nossos privilégios e o nosso poder.

Não pode existir projeto comum na esquerda se ele não estiver ancorado em reivindicações concretas. Não existe um a priori do projeto comum, ou seja, uma ideia de projeto que antecede as necessidades e reivindicações das pessoas. Um projeto comum de esquerda precisa ser construído no processo da luta, dando atenção às diferenças e desigualdades que existem na sociedade. Estamos entre minorias e as minorias devem definir as coisas. Por outro lado, precisamos estar atentas ao fato de que as reivindicações concretas não dão lugar necessariamente a projetos comuns. Muitas vezes, a ideia de lugar de fala tem sido utilizada de forma complicada. Todas nós estamos situadas em algum lugar, dessa forma, a nossa fala é sempre situada. Todas as posições políticas são situadas. Mas há um problema na forma como a ideia de que nós só podemos falar a partir do nosso próprio lugar de fala tem sido utilizada. Não é possível articular um projeto político comum se a gente só puder falar a partir da nossa própria posição e das nossas próprias experiências. Porque isso significaria abrir mão de olhar a situação dos outros ou não conseguir também contribuir para pensar a situação dos outros.

RESPONSABILIDADE POLÍTICA COM A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO COMUM

Nós temos uma responsabilidade política com o mundo e isso significa que precisamos fazer o exercício de pensar saídas para questões que estão para além dos nossos próprios problemas. Com essa ideia de que cada um só pode falar por si a gente acaba fortalecendo o individualismo e o próprio neoliberalismo. O que nos une não é a dor, a dor a gente sente. O que nos une e o que faz a gente construir ação conjunta é termos um projeto político em comum. Ser de esquerda é querer mudar o mundo. Ser de esquerda significa abraçar uma ética de construir um projeto de mundo que seja mais justo e igualitário. Esse processo exige o reconhecimento das nossas desigualdades e a escuta atenta às pessoas que estão em posições desprivilegiadas. Como é que a gente abarca esse mundo todo, criando um projeto para todos?

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

É PRECISO TER ESTRATÉGIA

Quem não tem estratégia, segue a estratégia dos outros.

A NOSSA ATUAÇÃO NO LEGISLATIVO

Há alguns anos temos reagido e denunciado projetos de leis fundamentalistas que tentam retirar nossos direitos. Será que não chegou o momento de começarmos a discutir projetos de lei que tensionem os privilégios das igrejas, para ascendermos novos debates na sociedade? Por que não discutimos a isenção de TVs e rádios comunitárias religiosas? Ou a concessão de terrenos a entidades religiosas? Por que não levamos a discussão para o congresso sobre os limites de uma liderança política defender as suas visões religiosas quando assume um cargo político?

REFLETIR SOBRE FAMÍLIA

A gente tem hoje no Brasil mais de 40% dos lares chefiados por mulheres. Isso é uma configuração de família que não corresponde ao que é defendido pelos fundamentalistas religiosos. Isso coloca para as mulheres o fato de que a sua vida concreta é contraditória com o que ela acredita. O diálogo a partir da família, a partir das configurações reais das famílias, pode ser uma forma de conexão com as mulheres religiosas. Trabalhar essas ideias de família a partir de uma perspectiva feminista pode ser um lugar de contato onde possamos pensar sobre as nossas próprias vidas e sobre as vidas que queremos viver.

FORTALECER PERSPECTIVAS CRÍTICAS NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS

Disputar os espaços religiosos é importante nesse momento. Talvez não seja mais o caso de excluirmos a religião dos nossos debates, mas de fazermos com que as pessoas reflitam de forma crítica sobre a religião, para que possam vivenciar a religião de forma menos opressora. Como é que a gente pode se organizar de forma feminista dentro das religiões? A crítica sempre esteve presente nos espaços religiosos. Na história do cristianismo, por exemplo, os movimentos considerados heréticos foram aqueles que questionaram a religião. Eles foram rechaçados porque questionaram a hierarquia e o poder nas igrejas. É importante defendermos a religião como um caminho de libertação e denunciarmos que, hoje, as pessoas continuam sendo crucificadas. Cristo foi uma personalidade revolucionária e se somos seguidoras de Cristo, precisamos olhar para as injustiças. Como diz Frei Betto, "Jesus não morreu de hepatite na cama nem em um desastre de camelo em uma esquina de Jerusalém"¹.

1 Entrevista de Frei Betto concedida a Guilherme Almeida, do Brasil de Fato SP. Disponível em: <https://negrobelchior.cartacapital.com.br/mercado-procura-obscurer-jesus-e-impor-papai-noel-no-natal/>

FORMAÇÃO, ORGANIZAÇÃO, AÇÃO E DIÁLOGO

No final dos anos 1980 a gente falava muito sobre o tripé formação, organização e ação. Será que é o caso de colocar um quarto elemento, que é o diálogo? E, assim, tornarmos a abertura para o diálogo como uma estratégia fundamental para a resistência? Porque além de ir para a periferia, é preciso ouvir a periferia.

A SAÍDA É PELO AFETO

Precisamos entender de verdade o que significa a palavra afeto. Nós deixamos de nos afetar. Enquanto a gente for incapaz de se afetar com quem é diferente da gente, uns com os outros, não tem saída. Porque quando a gente não se afeta, a gente coisifica o outro e não se enxerga no outro. Sem que a gente se veja um no outro, sem que a gente se sensibilize com a vida e com as dificuldades do outro, não há construção possível.

Diálogos feministas: Desafios do feminismo frente ao crescimento da onda fundamentalista

É uma publicação que sistematiza o debate de mesmo título realizado em 24 de outubro de 2019, em São Paulo.

Participantes

Ana Gualberto | Religião de matriz africana, Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, Salvador
Adriana Marcolino | Assessora do DIEESE, São Paulo
Bibiana Serpa | Agora Juntas e colaboradora da Universidade Livre Feminista, Rio de Janeiro
Carmen Silva | SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, Recife
Eliad Dias dos Santos | Pastora metodista, IEG, São Paulo
Ivone Gebara | Freira católica, filósofa e teóloga feminista, São Paulo
Juneia Batista | Secretária Nacional de Mulheres da CUT, São Paulo
Márcia Viana | Secretária Estadual de Mulheres da CUT-SP
Maria Luiza da Costa | Militante da Marcha Mundial de Mulheres
Marilane Teixeira | Pesquisadora no CESIT/Unicamp
Natalia Mori Cruz | Equipe do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), Brasília
Priscilla Brito | Pesquisadora em gênero, Internet e feminismo, Rio de Janeiro
Rita Pinheiro | Assessora na Secretaria Nacional de Mulheres da CUT
Sonia Mota | Pastora presbiteriana e diretora da CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), Salvador
Sophia Branco | Pesquisadora em gênero e movimentos feministas na UFPE, Recife
Thayz de Athayde | Pesquisadora em gênero e doutoranda na UERJ
Viviane Hermida | CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), Salvador
Waldeli Melleiro | Fundação Friedrich Ebert, São Paulo

Organização

Fundação Friedrich Ebert e SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia

Edição

Carmen Silva, Sophia Branco e Waldeli Melleiro

Sistematização, textos e projeto gráfico

Sophia Branco

Capa e Diagramação

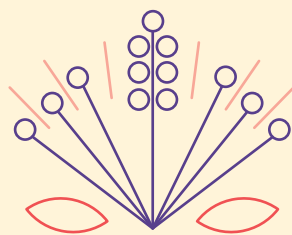
Isabella Alves

Assistente de projetos

Ana Claudia Pecchi

São Paulo, dezembro de 2019

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich Ebert Stiftung (FES) ou do SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-9565-062-6



9 788595 650626